



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista,,"

DIRECTOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES—BARCELLOS

Cartas á minha vizinha

X II

Que fazer? que tentar? — O amor platonico que a Vizinha tem pelos pobres. — A sua educação moral. — Palavras, palavras. . . — O methodo intuitivo applicado á educação moral. — A creança deve estudar a vida dos pobres. — O que ella lhes pode ensinar. — A crèche junto dos collegios. — A escola ménagère de Gotborg. — O methodo de Miss Huntington, nas escolas maternas. — A associação das pequenas mdes (Little Mothers). — O que a Vizinha podia fazer.

Vizinha:

QUE fazer? que tentar? (dizia-lhe eu na minha ultima carta) para que o seu desejo de proteger os fracos, os pobres, os desherdados da vida, se não limite ao gesto frio, humilhante, tão insufficiente quando não é immoral, da esmola?

Que fazer? que tentar?

Não devia ser eu quem lh'o lembrasse, Vizinha, não. Porque a resposta a essas perguntas devia nascer-lhe espontaneamente da alma, como um jorro de agua clara e forte sahe de uma fonte bem cuidada. E como ella, como a agua que um agricultor cuidadoso captou, e leva para o seu cirado fazen-

do-a borbulhar alegremente sobre a terra que a bebe sequiosa, reverdecendo as plantas, florindo-as, fructificando-as, tambem o seu desejo de trabalhar pelos pobres devia ser fecundo e productivo, porque elles carecem mais de luz e de bem estar nas suas casas e na sua vida tão sombrias, que a terra da agua que a vivifica.

Mas, Vizinha, a sua educação não lhe deu qualidades de iniciativa e de acção e o seu desejo de ser boa para os pobres perde-se na sua inercia, como a agua que se dispersa abandonada e improductiva no solo esteril de uma charneca.

A sua mãe e as suas mestras fizeram-lhe é certo longos sermões de moral, ensinaram-lhe que amasse o proximo como a si mesma, que desse de comer aos famintos, de beber aos sequiosos, luz aos ignorantes e consolações aos que soffrem.

Mas isso foram palavras, palavras; e as palavras não vincam o character, como a plombagina não entalha o marmore.

Palavras, diz o povo, leva-as o vento. E por isso não devemos educar só com palavras, mas e acima de tudo, com a vida, com a realidade, despertando ao contacto com ella ideias nitidas e sentimentos fortes que sejam energicos motivos de acção; e depois devemos utilisarmo-nos da propria acção para educar, ensinando e provocando a creança a actuar, a ter iniciativa e não a obrigando unicamente a decorar, a dissertar esterilmente, improductivamente.

Por isso a educação moral deve seguir um caminho paralelo ao da intellectual.

E assim como para ensinar: a trabalhar com qualquer machina, a conhecer uma planta, a cultivar a terra, se deve mostrar á creança: a machina, a planta ou o cultivo e depois ensina-la a manejar a machina, a aproveitar a planta, a effectuar a cultura, assim tambem para a ensinar a ser boa, a fazer o bem, se lhe deve mostrar o soffrimento humano e despertar-lhe o desejo espontaneo, prompto a traduzir-se em actos, de trabalhar para o diminuir.

Devem, por exemplo, levar-se as creanças, principalmente as ricas, ás habitações dos pobres, onde se vive sem ar, sem luz, sem pão e sem alegria; onde mal se sente o prazer e até a dignidade e o orgulho de viver; onde a dôença e a fome põem traços sinistros de tragedia, mais impressionantes que os mais sombrios quadros de Ribera ou Zurbaran.

Deve chamar-se-lhes ás creanças a attenção para os mendigos, para os desamparados, para os doentes, para os ignorantes.

Mas, collocando-as d'esta forma em contacto com o immenso mar que é a dôr humana, não se lhes deve deixar amollecere piegasmente a alma, nem crear desalentos estereis e pessimistas.

Não: devem ao contrario despertar-se-lhes sentimentos viris de acção, o desejo largo e nobre de lutar para a maior felicidade humana. Deve encher-se-lhes a alma com a nobre aspiração de trabalhar pela maior bondade, pela maior saude, pela maior alegria dos homens nossos irmãos que nós tão pouco conhecemos e tão pouco amamos.

E depois chama-las vigorosamente para a acção, provocar-lhes boas e uteis iniciativas, em favor dos que naufragam ao desamparo no mar immenso da dôr humana.

Era com esta orientação, Vizinha, que eu já aqui advoguei, n'uma das cartas que lhe escrevi, a ideia de se crear junto a cada collegio onde as nossas burguezinhas ricas vão adquirir « as suas prendas » uma crèche para pobres.

Essa crèche não teria só o alcance de preparar as educandas para serem boas mães, ensinando-lhes a difficil missão de

cuidar scientificamente dos filhos; seria além d'isso um meio de enraizar na alma das creanças o amor pelos desprotegidos e fazer d'esse suave sentimento alguma coisa mais que um esteril platonismo.

E quando escrevi assim, longe estava eu de pensar, Vizinha, que essa ideia desde 1870 tem em parte uma realisação pratica na escola ménagère de Gotborg, na Suecia, que possui um crèche annexa á Escola, onde as educandas cuidam de 20 a 25 creanças pobres por dia.

Com uma educação assim orientada, Vizinha, lembrar-se-hia agora de mil boas obras a fazer, para os pobres, e teria a força e a audacia para as tentar.

Lembrar-se-hia, por exemplo, do abandono, da miseria, dos vicios das nossas creanças das ruas e pensaria em melhorar a sua sorte: procurando-lhes alimentação, vestuario, albergues onde dormissem, escolas onde aprendessem. Quem sabe? talvez se lembrasse de lançar as bases de uma escola maternal para as mais pequeninas; e seria encantador ve-la a si, Vizinha, em um jardim escola, ensinar ás creancinhas com brinquedos, segundo o delicado methodo de Miss Huntington: a accender um pequenino fogão, a pôr uma minuscula mesa, a fazer uma cama de creança, a varrer, a lavar, a limpar o pó, como hoje se faz em New-York, nos Kitchen Garden.

Teria talvez a interessante iniciativa de M.^{me} Johnston fundando uma associação analoga á que ella fundou das: pequeninas mães (Little Mothers) que ensina ás rapariguinhas do povo a cuidar dos irmãos mais novos que, pela ausencia ou abandono das mães, lhes são confiados.

E tantas, tantas mais coisas tão nobres e tão bellas que se podiam fazer e que só exigiam: boa vontade, iniciativa e união de esforços!

Mas, já que a sua educação a não preparou para estas obras de larga iniciativa, ao menos não se limite ao gesto desamoravel e frio da esmola.

Ponha um pouco mais do seu grande coração no seu amor pelas creanças pobres: escolha uma instituição qualquer que seja e as

mais bellas e mais uteis são sempre as que as educam e preparam para melhor luctarem na vida.

E auxilie essa instituição com todo o esforço que possa, interessando-se por ella, vigiando-a, dando-lhe um pouco do seu cuidado e do seu amor.

Verá como todas as suas morbidas tristezas, todas as suas suppostas amarguras lhe hão-de parecer mesquinhas e pequenas, ao pé do immenso mar do soffrimento humano, em que naufragam tantas vezes, os pobres, os ignorantes, os desamparados.

Do seu Vizinho hoje e talvez sempre :

Importuno.



Zé Povinho minhoto

ESSE que o recurso photographico, poderosamente soccorrido pela gravura impressa, hoje se apresenta, flagrantissimo, aos olhos do observador, é um typo bem caracterizado de Zé Povinho minhoto.

Raphael Bordallo Pinheiro tirou da sua cabeça apocalypticica de caricaturista o Zé nacional.

Eu achei o Zé da nossa provincia. . .

Eil-o em frente ao mar que é profundo, que é immenso como o apresentado — symbolo perfeito do homem do Norte, de fibra resistente.

Um riso franco illumina-lhe o rosto, esse riso que só elle tem, até nas crises mais agudas e penetrantes da vida.

A civilisação, para felicidade sua, não teve ainda força, com embuidos e falsos pretextos, para lhe soffucar essa expressão sádica, que n'elle tilinta, ás vezes, como um dobrão de ouro antigo.

Apesar da poderosa *carga dos setenta*, que ninguem lhe tira, cae sem constrangimento a *prumo*.

Segura na dextra um *landreiro* como um pretexto, como um *innocente e modesto* amparo aos seus *janeiros*, que, annos atraz — vão ouvil-o! — acossado pelo ciume, deixou cahir, lesto e pesado, em famigerada romaria, sobre uma *ala de namorados* que guar-

da, já, a terra «essa mãe taciturna», conforme a expressão de Ibañez.

Dependura na sinistra um venerando par de tamancos, condignamente entaxados, em que apparece o proclamado pau de larangeira cujas excellencias vem celebrisadas por legiões de fabricantes de tão utilitario artigo.

Jámais pegou n'elles na mão para fugir d'um rival.

. . . D'esta *massa*, por uma *heraldica* vulgar, por uma *genealogia* commum, sahio Pedro Alvares Cabral, descobridor do Bra-



zil, e o triste mortal que garatuja estas linhas.

E de individuos d'esta natureza não toma conta a historia senão em globo, á mistura.

Até a valla commum lhe abre as fauces sem selecção.

No entanto levantam-se estatuas a grandes generaes, a preconizados metaphysicos, a sublimes poetas e deixam-se confundir, apagar, esquecer, figuras assim d'uma implícante singularidade.

Medonha ironia !

Elle, o Zé, que aguenta com o seu entusiasmo refervente as romarias; que estonteia com são bulício as feiras; que continuamente movimenta o sólo para produzir a cebola e o *enrubescido* tomate. . .

E' dos seus braços, alavanca poderosa cu-

jo ponto de apoio é o chão bendito—em que levanta cathedraes e planta castanheiros — é d'esses fortes tentaculos que hontem empunharam a cruz e a espada — segundo a oratoria emphaseada — que sahe o dinheiro. E, sem este, nem mesmo seria a nossa riquissima Africa, conforme alguém escreveu, «um alfôbre de heroes», esses «filhos prodigos da natureza», como os capitulou José Estevam de Magalhães.

E nós, *burocratas* das letras, nós, *burgueses* do ridiculo, reclamamos do triste esforços de semi-Deus!

E vamos mais longe. Na caricatura levamol-o á gloria suprema. Temos o esperto e radioso cuidado de lhe coroar a cabeça com uma albarda resplendente!!!

*

Leitor complacente, pitadeia-te, se isto te está nos habitos, ou chupa nervosamente um charuto, se acaso te apraz, e diz-me, fixando a vista n'essa photogravura, se o Zé Povi-

nho minhoto, que ahí se registra, é ridiculo!

Ridiculos somos nós. Ridiculos, sim! Nós que não trabalhamos de sol a sol; que não lhe damos compensações de especie alguma, e que parecendo-nos pittorescas as suas attitudes, a forma espontanea de suspender os tamancos e de firmar o pau, não reparamos em nós quando nos escondemos n'uma casa escandalosamente desandada do figurino ou quando ficamos debaixo d'um chapeo archeologico, já a devassar a lua. . . .

*

A sua divisa é de *pobréte-alegréte*. «Paixões não pagam dividas». Barriga cheia hoje que «para amanhã Deus dará».

Do contrario seria o requinte de mal-aventurada sorte!

. . . O coitado que nunca entrou no Credito Predial e, analfabeto, não escreveu nenhuma das celebres cartas do caso Hynton. . . .

Apulia, setembro.

A. SOUCASAUX.

Chronica agricola

A crise que atravessa o concelho, incide principalmente sobre o caseiro e operario rural.

As principais causas da crise.

O concelho é riquissimo, mas a orientação agricola é pessima.

Os principais benemeritos da agricultura.

A commissão de propaganda agricola e a sua missão.

A grande produção de 54.000 kilos de batata por hectare.

Experimenta-se obter uma segunda colheita de batata.

O concelho de Barcellos está a braços com uma terrivel crise, de que não se pode facilmente avaliar os seus efeitos. Por toda a parte se vê a miseria, sendo as classes productivas, sobretudo, as mais attingidas.

Nos seus semblantes lê-se o desespero e a fome, seus filhos são creados ao abandono, com uma alimentação insufficiente, com abstinencia completa de tudo quanto seja conforto, e de encontro aos mais rudimenta-

res preceitos que regulam o desenvolvimeto physico do organismo.

Não podemos prever a que descalabro nos conduz um tal estado de cousas.

Causas de extraordinaria importancia, devem concorrer para que um concelho, em que a natureza tão prodiga foi na distribuição das suas grandes riquezas, esteja assim succumbido, sob o peso da mais terrivel situação.

E' grande a percentagem de terras ferteis, onde não falta agua de rega em abundancia.

As aguas correm em abundantes levadas pelas encostas dos montes, e esplanam-se em vastos lençoes nas planuras do terreno.

As chuvas são copiosas durante os mezes de inverno, e prolongam-se sempre com maior ou menor regularidade, até pelos mezes de verão, permitindo ás terras armazenar grandes quantidades, para resistir ás secas.

Temos uma grande area de terreno perfeitamente inculto, onde se poderia desenvolver uma grande actividade, e d'onde se poderiam auferir grandes lucros, com dispendios de pequenos capitaes.

Para que emigrar d'um concelho onde se

pôde viver feliz, e desafogadamente, sem grandes sacrificios ?

Que faltará a tudo isto ?

Segundo o meu entender, falta uma melhor orientação na pratica cultural e arrendamentos ; retirar o lavrador das mãos da usura, e dar-lhe instrucção e educação.

A melhor orientação agricola n'um meio retrogrado, e por consequencia pouco instruido, só se poderá conseguir por uma propaganda trabalhosa e dispendiosa.

O trabalhador do campo está acostumado

Asylo-Agricola, que muito deve contribuir no futuro, para um progressivo desenvolvimento agricola.

E' de esperar que este Asylo, logo que tenha por base um terreno adquirido expressamente para esse fim, possa dar um extraordinario impulso á agricultura do concelho, lançando mão de todos os meios viaveis. A sua acção é limitada por ora ao ensino dos alumnos, e á exploração lucrativa da propriedade que arrendou.

Ao sr. José de Bessa, deve Barcellos o funcionamento, durante um anno, d'uma escola movel agricola que, assim como a escola Maria Christina, prestou relevantes serviços preparando o espirito do lavrador a receber mais facilmente qualquer conselho.

Ao sr. Joaquim Gonçalves da Silva Mattos, deve muitissimo o concelho, com a introducção methodica dos adubos chimicos ; offerecendo-os ao lavrador quasi como um intermediario, que deseja simplesmente os progressos da agricultura.

Ultimamente aparece um homem despido de vaidade, desejando simplesmente o bem estar dos filhos de Barcellos, de quem é extremamente dedicado pelas provas de amisade que sempre tem recebido de todos, e além d'isso por considerar o bem commum em logar superior ao inte-

resse particular.

Essa figura de grande destaque é D. José Domenech, dotado d'um espirito perspicaz e d'um coração magnanimo, que sabe avaliar quanto é triste e desolado o aspecto da nossa agricultura.

Não nos alongamos em mais considerações, em enaltecer o seu character ; porque temos a certeza que Barcellos ainda um dia o ha de apreciar, e dar-lhe o galardão dos seus esforços.

A commissão de propaganda agricola, que o anno passado fêz diversas conferencias pela maior parte das freguezias do concelho, foi por elle organizada, subsidiando todas as despesas, distribuindo sementes e adubos



BARCELLOS -- Rua D. Antonio Barroso

a ver no homem instruido e rico, um individuo que elle respeita, receia e teme.

Effectivamente se analysarmos bem o absorvente absolutismo a que o trabalhador rural andou ligado, como um perfeito escravo, durante seculos, e que agora vae diminuindo lentamente, facilmente concluímos que esse juizo que elle faz do homem illustrado, tenha uma razão de ser.

Felizmente para o concelho, este grande desejo que os seus filhos têm de fazer prosperar a agricultura, vae-se accentuando ; tendo a certeza que dentro de curto praso de tempo, alguma cousa de util e pratico ha de resultar.

A um anonymo devemos a fundação d'um

chímicos. Registamos com grande prazer, que o esforço d'essa commissão não foi esteril, notando-se augmento na cultura da batata, trigo e cebola; plantação da oliveira e castanheiro; cultura de hortas e diversos.

Brevemente começará a propaganda agrícola pelas aldeias, modificando-se a orientação d'essas palestras, para ainda dar resultados mais promptos e de maior effeito pratico. Escolher-se-hão pelo concelho as frequezias que sejam melhores centros de irradiação, que possuam melhores terrenos e que tenham escola primaria e em cada uma d'ellas se assentará um campo experimental.

Os principaes trabalhos serão feitos pelos alumnos da Escola Agrícola, á vista dos lavradores e alumnos das escolas, ficando depois a cargo do professor, auxiliado pelos alumnos, a execução dos diversos serviços complementares.

Os lucros de exploração, serão entregues ao professor, para serem dispendidos em premios, ou destinados a satisfazer qualquer necessidade dos alumnos.

Visitamos, aqui, ha dias, acompanhado do sr. Francisco Carmona, as propriedades que o sr. Domenech arrendou; notando egualmente quanto é grande a força de vontade que o anima.

Na batata obteve producções de 50 a 40:000 kilos por hectare, com adubação exclusivamente chimica.

N'um campo experimental, que cultivou á vista dos operarios da fabrica, com adubação intensiva exclusivamente chimica, verificou-se a extraordinaria producção de 54:000 kilos por hectare, a que correspondia, deduzidas todas as despezas, um lucro superior a 400:000 reis por hectare.

No Asylo Escola Agrícola verifiquei com adubação chimica, a producção media de 36:000 kilos por hectare, e com adubação mixta 40:000 kilos.

Ultimamente tenta o sr. Domenech obter duas colheitas de batata no mesmo anno, a exemplo do que se pratica na região de que é natural. Contra a nossa expectativa a batata nova germinou, e apresenta-se magnifica: comtudo ainda me custa um pouco a

admittir, apesar mesmo de ser uma qualidade franceza, especial para este effeito, que não seja surprehendida com o fructo em via de formação, pelas mudanças de temperatura, que se começam a fazer sentir em outubro.

Representaria essa conquista uma grande riqueza para o concelho, se fosse possivel fazer-se uma grande exportação d'este producto.

L. M.

Chronica ligeira

TEMPO de praias. As povoações interiores fazem exodo para as estancias da beiramar. A nossa Barcellos tambem soffre um pouco do *snobismo* elegante d'uma temporada fóra de casa. A orla do littoral é especialmente procurada e particularmente a Apulia. Alli se encontra quasi tudo que d'aquí sae. No café da pittoresca praia pairam agora os frequentadores dos cafés barcelenses e no unico logar transitavel, ou sobre a areia junto ao mar, mechem-se muitas mais senhoras do que é costume ver-se no nosso jardim.

Finalmente: Barcellos está na Apulia. Quer isto dizer que a villa está deserta, que se nota grande differença no movimento habitual da povoação? Não. Ainda por cá ha muita gente, louvado Deus. Mas sempre se nota a falta de certas figuras *boulevardières*, permitta-se o termo, pessoas expansivas e ruidosas que fazem a animação dos nossos centros de cavaco e dos logares de diversão e passatempo.

Agora por taes sitios só os pirronicos, pezáddes, á laia do auctor d'estas linhas.

Em compensação e não pequena, temos a dita d'uma visita honrosa. E' a do eminente professor Ernesto Condeixa, notavel pintor, que vem proceder a importantes decorações no rico palacete do illustre e benemerito barcellense, sr. José de Beça.

Tal acontecimento não pode ficar nos dominios da trivialidade, pois importa n'um verdadeiro successo d'arte, já pela qualidade do abalisado visitante, como pelo destino da sua missão.

Ernesto Condeixa não é a primeira vez que se encontra em Barcellos. Identicos motivos aqui o trouxeram, já por tres vezes, em differentes occasiões, até á realisação definitiva da «Defeza do Castello de Faria», tela maravilhosa, que é a affirmação brilhante do grande merito do insigne artista que, n'essa obra, marcou em traços geniaes o alto valor do seu inspirado pincel.

O anno passado aqui fez uma linda e flagrante paizagem do Cavado, que tambem se encontra no opulento palacete Beça, onde a poderosa envergadura artistica de Ernesto Condeixa se evidencia já em varios trabalhos de subido merecimento.

Agora vae decorar todo o recinto onde se ostenta a «Defeza do Castello». Quer dizer: vae assinalar mais uma vez os seus grandes dotes de pintor consagrado, enriquecendo com novos productos do seu vigoroso genio, o já precioso thesouro artistico do luxuoso palacete de que é proprietario um homem superior, a quem Barcellos entre as grandes benemerencias de que lhe é devedor, tem de distinguir esta forma alevantada com que está contribuindo para o seu real enaltecimento.

Entre os titulos de recommendação de qualquer terra, sobresahe os seus monumentos e as suas obras d'arte. Pois tanto d'aquelles como d'estas, a esbelta rainha do Cavado não é mui rica, mas entrando-se no palacete Beça já alli se encontram valiosos exemplares, notaveis trabalhos d'arte, que não só nobilitam os seus famigerados auctores, como honram o seu preclaro proprietario.

Hoje quem vier a Barcellos, se fôr pessoa de gosto e conscienciosa, que não venha cá por *mera festa dos alhos*, como Fradique Mendes a Marrocos, terá de solicitar do snr. José de Beça e Menezes a fineza de lhe patentear o palacete heraldico, em cujas salas se exhibem, de par com valiosas peças de mobiliario antigo, ricamente estylizadas, um já avultado e precioso nucleo de productos d'arte authenticá, d'entre os quaes é justo especialisar os exemplares de pintura, como os trabalhos referidos de E. Condeixa e a grande tela de Velloso Salgado «Batalha d'Aljubarrota».

Para analyse de taes obras já cá teem vin-

do diversas summidades artisticas e variadas individualidades, para quem a arte é alguma coisa de superior e admiravel.

Por aqui se vê o quanto o snr. José de Beça, pelo seu amor á arte e pela alta comprehensão do seu scintillante espirito, contribue para o evidente engrandecimento da sua terra natal.

Poderosa e pujantissima mentalidade, provada em toda a vasta manifestação da sua fecunda actividade; formoso e lidimo caracter, firmado em inequivocos actos da mais accentuada austeridade; tal é o barcellense respeitabilissimo, que tem feito do seu palacete, ao jardim, um verdadeiro museu, onde a arte contemporanea, especialmente, vem documentando o seu alto aperfeiçoamento.

Devidas lhe são todas as homenagens d'admiração e respeito e grato me foi o ensejo de, ao registrar aqui a visita illustre do seu laureado hospede, deixar referidos os thesouros artisticos que vem ajustando no velho solar da nobre e tradicional familia que dignamente representa.

Não chega isto a ser um preito, pois não passam de singelas palavras, suscitadas pela vinda a Barcellos do eximio pintor E. Condeixa, cuja acção artistica deixou no palacete Beça traços dos mais expressivos do seu consagrado engenho.

Apesar d'isso e na costumada despretenção das minhas chronicas ligeiras, sempre quero assinalar uma das grandes characteristics da bellissima feição moral do snr. José de Beça: é o culto fervoroso da Patria. Até na sua paixão pela arte claramente o manifesta. Assim, d'entre os grandes specimens que no seu palacete se destacam, salientam-se — «A defeza do Castello de Faria» e «A Batalha d'Aljubarrota» — o maior feito local e o maior triumpho da Patria.

E por aqui me quedo, que hoje fui muito além de que é costume, mas não pude encurtar.

Em vez de *chronica ligeira*, fica chronica maçadora, de que só têm a desculpar-me as pessoas interessadas no assumpto que tão desageitadamente usei versar.

Dos leitores não me arreccio . . . que esses andam em vilegiatura.

No marmore do quadrante

*Vinicius, de saudades consumido,
Com desvelado amor gravara esta inscripção
No marmore d'um quadrante carcomido:*

*«Desterrado de ti, trago a imaginação
N'um continuo penar atraz da tua sombra.
Géla-me a carne o sol, faz-me calor a alfombra,
O vinho dá-me sede, ao lembrar-me de ti!
E eternamente na minh'alma canta e ri
A lembrança gostosa e clara d'esse dia
Em que, louca d'amor, o teu olhar gemia,
E na areia deixaste, impressas por instantes,
Da tua carne moça as formas perturbantes!*

*Por Hercules, divina! era de mel e rosas
Teu corpo!*

*E desde então não mais tão cariciosas
Sombras do meu passado em paz me abandonaram!
Risos, jogos prazer's p'ra longe debandaram
E eu vivo a recordar um bem que é hoje um mal.
Ha tanto! ha tanto já!*

*Do Tempo a mão fatal
(Tão outro do que fui! como a velhice mata!)
Do meu cabelo o sol polvilhou-m'o de prata.
Das Illusões a ronda ha muito perpassou
E do que outr'era fui nada afinal ficou.
Outr'ora! . . . E sempre fixa a mesma ideia torna
A avivar o calor d'esta velhice morna.
E fieo-me a lembrar, assim, horas inteiras,
Essa noite febril de languidas quebreiras
Em que tu me disseste:*

*«O' doce Bem-amado,
Como me sinto bem sentido-te a meu lado!
Vivêr é bom se nós, da vida no zenith,
Albergamos no seio o filho d'Aphrodite.
Estas rosas que vês, aqui, no meu cabelo,
Doirado como um sol, tambem, debes saber-o,
Quando inda as balouçava o vento sobre os ramos!
Amaram como nós, como nós dois amamos.
É a minha frente agora é o claro cemiterio,
O tumulto real das namoradas rosas.
Ouves, alem rugindo, um leão na jaula? Fere-o
A saudade brutal das noites voluptuosas,
D'essas noites d'amor do seu patz distante,
Sob um céu de lilaz e turgido d'estrellas.
Elle tambem amou! Sequioso, palpitante,
Juba erriçada, olhos a arder, rubras as guelas,
Quanta vez, quanta vez, á boca da caverna,
Elle esperou sofregamente a companheira!
E assim tudo na vida escuta a voz eterna
Da Deusa que do mar se ergueu, branca e ligeira!*

No entanto, ó meu amor, tudo isto ha-de passar
 E o corpo, que hoje vês perfumado d'encantos,
 Meu corpo d'açucena e branco de luar,
 Breve será p'ra ti um corpo como ha tantos.

O amôr é uma scentelha, a vida um longo inferno.

Esta cratera d'oiro a trasbordar phalerno
 Vae collocal-a ao sol . . . não ficará uma gotta.

E o amôr é qual gomil que um beijo logo ergotta!»

Silenciosamente a noite afadigada
 Desdobra-se no azul a toga constellada.
 Nas sombras do arvorêdo, em roda, socegadas,
 Ouviam-se estalar as limpidas risadas
 Das naiades fugindo, em rithmicos cortejos,
 Aos capros ægipans, mordidos de desejos.

E eu respondi fitando os olhos teus, serenos:

«P'los deuses Immortaes! p'la cytherêa Venus!
 Tem compaixão de mim! não sejas tão cruel
 O crystal d'essa voz, mais grato que o hydromel,
 Não o vás empanar com baixos d'amarguras!
 Não vão os rouxinoes, que eu saiba, ás sepulluras.
 Como da propria cinza a phoenix viva sae
 E um filho continúa a vida de seu pae
 Assim a uma illusão succede outra illusão.
 Noss'alma é um roseiral em que as chimeras são
 Rosas de todo o anno.

Olhemos o presente!
 Que importa o que ha-de vir! Impetuosa e ardente
 Anda a vida a cantar nos corpos palpitanes!

Amemo-nos, embora o amôr só dure instantes.
 E se a posse nos traz o tedio, a saciedade,
 Que o beijo que te dou finde na eternidade!

Desprende a catadupa escura do cabello
 Sobre o collo d'arminho, um deserto de gelo
 Com dois ursos do pólo a vagabundear,
 E lança-me, por Diana, o tepido collar
 Dos teus braços de leite em roda da garganta!
 Eu quero respirar, como respira a planta
 Que se aferra a parede, o aroma do teu seio!
 Quero sentir teu rôsto a palpitar d'enleio,
 Como do fanno ao beijo a nympha d'olhar lindo
 Treme, palpita, geme e soluçando e rindo
 Nos braços se lhe entrega, ebria d'amôr e vida!
 E assim beijada, assim amada, assim unida,
 Quando a manhã vier com seus dedos de rosa
 Abrir a porta ao sol, has-de olhar-me saudosa,
 Olhar-me e lamentar, ó minha dôce amada,
 Que tão ligeira a noite emfim já vá passada!»

Dos nossos poetas

O TRISTE MONGE

*Em uma cerca de arvores frondosas
de um convento de irmãos hospitaleiros,
passeia um monge, ás horas religiosas,
ouvindo os rouxinões nos castanheiros.*

*E o jardineiro passa... e diz olhando
o monge entregue a soluções divinas,
— Que bella vida a d'este Venerando!
— Comer, beber, orar, cantar matinas!...*

*Mas n'uma rua de álamos fechada
— onde não entra o vão rumor da gente—
ante um retrato de mulher amada,
o monge chóra silenciosamente.*

*Passam na rua, em passo lento e incerto,
as solemnes e virtas procissões.
E o monge passa, no seu livro aberto,
lendo psálmos latinos e orações.*

*E o Vulgo diz ao vel-o: — «Bello estado
d'este monge pallido e tranquillo!
— Cantar psálmos ao povo prosternado!
— Depois das refeições, fuzer o chylo!...»*

*Mas n'uma ermida góthica e fechada,
— onde não entra o vão rumor da gente—
ante um retrato de mulher amada
o monge chóra, silenciosamente.*

*Do seu escuro e hostil confessorario,
d'onde sde um catholico terror,
fulmina imprecações o Solitario,
contra o peccado lyrico do Amor.*

*E a penitente diz, lavada em pranto:
«— No vosso rosto calmo e socegado,
bem se lê que não tendes, monge santo,
assim como eu, um coração varado!...»*

*Mas n'uma cella lugubre e fechada,
— onde não entra o vão rumor da gente—
ante um retrato de mulher amada,
o monge morre... silenciosamente.*

(1) GOMES LEAL

(Do seu livro "Claridades do Sul.")

(1) Poeta de um alto genio artistico, irregular, bizarro, tocando por vezes o sublime, outras rastejando pela vulgaridade — Nos seus livros, principalmente nos primeiros que escreveu, ha versos magnificos, dos melhores que se têm escripto na lingua portugueza: pelo vigor, pela riqueza, pela brilhante originalidade da forma.

Ares do Porto

25 de Julho.

As sociedades, como os individuos teem os seus atavismos que, em dados momentos as fazem recuar ás mais remotas ascendencias.

Aqui, n'esta terra pacata, onde não ha a agitação febril dos grandes centros, os proprietarios d'uns circos lembraram-se de exhibir luctadores. Não entendo que o espectáculo seja attrahente, posto que muitos dos meus concidadãos, mesmo alguns que sabem ler, cheguem a achar aquillo de boa esthetica. É a verdade é que os empresarios d'aquellas casas estão amealhando bons cobres.

Fui vêr, para que não se diga que vivo alheado do meu tempo.

E não achei bello, porque — applicando o juizo do senhor de Voltaire — nem me causou admiração nem prazer.

Uns estrangeiros, de linguagem guttural, cabellos d'oiro velho, engalfinhavam-se alternadamente, esforçando-se cada um por mostrar o poder dos seus musculos monstruosos.

Era um enovelamento de carnes suando, resuando e tresuando; um resfolegar de respirações oppressas, como em feras que se batem com o appetite de sangue.

O tedjo cerrou-me as palpebras e aos meus ouvidos soaram funebres palavras vindas do Coliseu romano: *Avé Cæsar, morituri te salutant!*

Este annuncio de morte, atroador a principio, foi-se enfraquecendo até se tornar n'um côro infantil, e a visão que encheu os meus olhos não me mostrou os possantes gladiadores, mas bandos de creanças esqueléticas, de labios desbotados e faces emmurchecidas. Eram os pobres filhos da minha terra, votados ao sacrificio da ignorancia dos paes e da indifferença das leis, — tristes flores estioladas no jardim da vida.

Estoiraram os applausos e eu despertei. Olhei em roda quasi com desprezo e com verdadeiro desgosto. Porque é vergonhoso ver tanto enthusiasmo por uns hercules que não são os legitimos representantes da robustez ideal — e saber que os fanaticos da lucta geram filhos rachiticos ou deixam ra-

chitisar os que a natureza lhes dá robustos. E assim augmentam o rebanho da degenerescencia em que a Morte se banqueteia lautamente.

E' que nós somos uns incorrigiveis platonicos, perdidos sempre em bysantinismos.

Sabemos de cór a nossa epopeia maritima, descobrimos pelo menos um avô navegador

na familia, fitamos o Oceano com olhares de poetica meditação e não damos banhos de mar ás creanças. . . .

Oxalá que ainda algum dia os paes se convençam de que a melhor riqueza que podem dar aos filhos é a saude e a intelligencia!

J. VIEIRA.



APULIA PITTORESCA

QUADRAS DO POVO

Não ha coisa neste mundo
Como viver ao desdem;
Mostrar carinhos a todos,
Não ter amor a ninguem.

*

Se quizeres um limão verde,
Vae colhel-o ao limoeiro;
Se queres um amor firme,
Volta-lhe as costas primeiro.

*

Meus olhos sentem-se presos,
Mas não choram da prisão;
Deixal-os ficar, deixal-os,
Presos no teu coração.

Se vires a tarde triste
E o ceu a querer chover,
Conta que são os meus olhos
Que choram por te não ver.

*

Foste-te gabar, garoto,
De aquillo que não fizeste;
Deste-me um beijo na sombra,
Que na cara não pudeste.

*

Hei de amar o dia claro
E deixar a noite escura;
Hei de amar quem eu quizer,
Inda não fiz escriptura.

Os nossos pobres

Distribuimos pelos nossos pobres, conforme dissemos no numero 7, a quantia de 12:500 reis que, por intermedio do sr. Comendador Coelho Gonçalves, nos enviou o sr. José Antonio Teixeira da Motta, do Porto, em cumprimento da disposição testamentaria com que falleceu a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Rita Teixeira da Motta.

Promettemos, então, publicar a lista dos contemplados; mas, não o fazemos, porque a maioria d'elles são pobres envergonhados que entre o morrer á fome ou pedir uma esmola, preferem aquella situação.

Estampar os seus nomes, seria apontal-os á caridade publica, é certo. Mas em face da situação d'elles, resolvemos: enviar a lista dos contemplados ao sr. Teixeira da Motta e convidar quem queira verificar a maneira como distribuimos essas esmolos, a fazê-lo n'esta redacção.



Echos & Variedades

O CHÁ

A producção e o consumo do chá augmentam continuamente. Os paizes productores — a India, a China e outras regiões — exportam annualmente 50 milhões de kilos de chá, representando um valor de oitenta mil contos de reis.

Só a Inglaterra consome mais de metade d'esta producção, cabendo á sua parte 43:600 contos. Em seguida vem a Australia, que tem um consumo enorme.

O canadense consome 3:672 grammas de chá por anno; o hollandez 1:337 grammas; o americano e o russo 918 grammas; o allemão 75 grammas e o francez somente 30 grammas.

E com um tal consumo, ainda ha muita gente que não *tomou chá em pequeno*...

UM PAIZ SEM CAPITAL

A Bolivia é, em theoría, uma republica unitaria; mas, na pratica, cada um dos oito departamentos em que está dividida é um pequeno estado dentro do Estado.

A descentralisação, explica o principe Luiz d'Orléans, aggrava-se com o facto de o governo central (o unico que poderia atenuar as consequencias) ser tão nomade como a maioria dos indios que governa.

Não ha séde fixa. A Paz, Sucre, Oruro, e até Cochambamba, passam o tempo a disputar entre si a posse do poder.

De todas estas cidades parece que a Paz tenha sido e seja ainda a mais importante; é, em todo o caso, a mais populosa.

Ella é construida sobre a vertente oriental das Andes, em um desfiladeiro estreito e abrupto, o que fez dizer ao principe d'Orléans que o Inca Maita Capac, que em fins do seculo XII fundou esta cidade, « devia ser um grande artista ou um alpinista *enragé* ».

Tambem as casas e estão desalinhasadas na mais pittoresca desordem, mas nem por isso são menos solidas e confortaveis. Os edificios publicos, são dignos d'uma grande capital.

A PROFISSÃO DE ESCRIPTOR

Poderá dizer-se que o escriptor de nossos dias exerce verdadeiramente um mistér? A profissão de homem de letras é, na verdade, uma profissão? E, no caso de resposta negativa, como justificar esta posição sob o ponto de vista social?

Esta questão foi recentemente debatida entre criticos, na Alemanha.

Uns reconheceram que o escriptor, em summa, não é mais que uma simples voz, entre o publico, que exprime o melhor possivel e sob a forma mais feliz: as aspirações, os pensamentos, os sentimentos de todos; não é senão um individuo, sentindo, pensando e julgando em voz alta. A sua actividade pode ser nobre e util, mas não é uma profissão.

Outros julgam que se, evidentemente, o escriptor é indispensavel á sociedade, como o artista que cria o bello, ou o sabio que procura e por vezes encontra a verdade e em todos os casos a ensina, não obstante a capacidade de julgar, de criticar, de instruir e de revestir as suas instrucções da forma mais admiravel e mais eloquente, é, nos nossos dias, uma profissão necessaria á educação social.

Por qual d'estas opiniões se decide o leitor?